

A LOUCURA DO VAZIO

Tatiana de Freitas Massuno

*“o mudo
Sentimento de se desconhecer,
E a confrangida comoção que nasce
De sentir a loucura do vazio” (FAUSTO, PESSOA).*

A mão entrecortada de impulsos, carente de apoio, tomba ao longo do corpo esguio. Mais um espasmo. Mais uma vez tudo estremecia. Não deveria... não, não deveria... E agora? Como conviver com o zumbido intermitente? Zumbido agudo, incoerente, esganiçado. Zumbido que pedia espaço, não, não pedia, adentrava-se por entre a poeira acumulada. Esse zumbido que aos trancos ganhava corpo, fisionomia. Esse zumbido que era agora o quarto inteiro. As paredes acinzentadas oscilavam acompanhando a frequência sonora. Instintivamente, levou as mãos às orelhas. Apertou-as contra as orelhas o quanto pôde. Até que não mais agüentou e suas mãos, como autômatos, dirigidas por vontade própria, vontade de serem apenas mãos, sem corpo, mas mãos, cumprindo o destino simples de serem isto: mãos, começaram, inicialmente, a dar leves pancadas nos lóbulos. A velocidade das mãos tornara-se mais intensa, tão intensa que quando se dera conta o zumbido quase desaparecera, ou se multiplicara, já não sabia. O quarto minúsculo diminuía de tamanho, nem mais o quarto agüentava a expansão exorbitante dos sons, que em um espaço tão pequeno se entrecruzavam de forma tal que quase se amalgamavam em um som único, intenso, indiscernível ao ouvido. Que era aquilo, afinal? O quarto como que impaciente, não deixaria aqueles sons se amplificarem até explodirem com tudo, até estraçalharem vidraças e espelhos, não, não esperaria pacientemente até que tudo se extinguisse e voltasse a reinar a paz, se é que era isso possível. Acabaria com aquilo e seria agora! As paredes tornavam-se cada vez mais próximas obedecendo o intuito do quarto – o som seria comprimido e isso seria agora!

Subitamente retomou o controle de suas mãos. Percebeu. O seu destino estava a instantes de ser selado, um, único, sem desvios, sem retornos, sem portas escondidas no fim de um infinito corredor. Não tinha escolhas. Era correr e se aventurar pelas ruelas no meio da escuridão que já há muito ganhara força, ou seria ali mesmo vítima da explosão que se anunciava. Um segundo mal calculado e seria ali mesmo, diria adeus ao quarto, às paredes que já quase perdiam a dureza de parede, ondulavam incessantemente ao som de uma música que talvez somente elas compreendessem, diria, ainda, adeus ao quadro. Na parede, a censurá-la. Durante vários segundos seus olhos se fixavam num quadro que parecia sugar toda a vida do ambiente. Aquele quadro, recordação única. Aquele quadro que agora desviava a sua atenção para o que se anunciava. Tudo anunciava a iminência de algo, sentia a impaciência da cama a balançar como se quisesse avisá-la. Pôs-se em posição de fuga, mas sentiu, sentiu a impotência das pernas

que estrebuchavam pedindo redenção por todo o esforço, inútil.

Tombou. Deixou-se ser deitada no chão frio. Deixou seu corpo se acalmar, acalentando-se no cimento. A rigidez do cimento trazia conforto ao corpo que, aos poucos, recuperava-se do estrondo. Encostou a orelha no chão e ouviu, ouviu...e nada. Não tentaria ainda levantar. Talvez fosse cedo. O melhor seria aos poucos deixar o corpo acostumar-se a ser um corpo, novamente, um corpo seu, que apenas respondesse. Não resistiu aos segundos que se atritavam, delongando, e resolveu aventurar-se. Não seria ainda sensato começar a correr. Isso seria ir além dos segundos que lhe eram dados. Ajoelhou-se lentamente. Suas mãos avidamente se aproximavam, queriam que rezasse? Que exorcizasse de vez tudo que há pouco ocorrera? Tentou. Revirou a memória, tentando encontrar ao menos uma oração que coubesse naquele instante. Proferiu o primeiro som, a primeira sílaba que carregaria atrás de si as outras que faltassem, as sílabas cedendo lugar umas às outras, encadeando-se numa seqüência sonora que, sim, fizesse sentido. Pronunciou a primeira sílaba. Apenas. A segunda se recusou a sair. Interrompeu-se. Não sabia qual era essa outra sílaba que viria, na verdade, não sabia encadear os sons, formando palavras, que deixariam de ser sons? Retornou à primeira sílaba. Nada mais vinha depois. Novamente tentou. E nada. Pôs-se a repetir monocordicamente a mesma sílaba e se imaginou a rezar. Talvez estivesse... Ao som da mesma sílaba proferida à exaustão pôs-se lentamente a levantar até que estava, enfim, ereta. Calara-se. Calara-se e escutava o silêncio profundo que exalava do quarto.

Ouvia, agora, somente o som de sua respiração. O ar que entrava e saía, entrava e lá estava ele novamente fora, só para entrar de novo, e mais uma vez, o ar que balançava os pêlos das narinas. Adentrava mais intensamente como se não soubesse mais ser fora, precisava estar, ali, nos pulmões esfomeados que se expandiam. O ar entrava numa enxurrada, acumulando nos pulmões moléculas que se debatiam, desesperadas pois comprimidas, queriam navegar no espaço, mas não podiam, presas, encurraladas. Em um só fôlego, expirou todo o ar que pôde, deixando-se oca, vazia. Mal o ar saía novas moléculas pressionavam as narinas que entupiram, bloqueadas. Novamente o ar entrava por entre brechas. Abria caminho, inflando-lhe os pulmões como bolas de gás, pressionando os órgãos que, sem opção, sim, tinham que se reacomodar nesse ambiente inóspito de clausura. O coração. Sentira-o pressionado, quase expurgado de seu corpo. Queria bombear livremente, seguindo o curso que lhe fora designado, mas obstaculizado, precisava de mais força, e sempre mais, porém, essa força corpo nenhum possuía. Buscava de todas as formas continuar seu bombear incessante, orquestrado, de nuances conhecidas, de sons que se reconheciam e pacificamente um após o outro mantinham o ritmo sedativo de máquina que funciona sem empecilhos. Ouvira seus batimentos. Tornavam-se fracos, esparsos. Ouvira-os no fundo de uma caverna escura, um ali outro acolá, sem o ritmo apolíneo de uma construção. Os batimentos arrastavam-se randômicos, preparando paulatinamente o momento em que, enfim, poderiam simplesmente decretar: é isso! E desafogados do esforço hercúlio de serem batimentos em um corpo catatônico, pudessem se esvaír no ar, se aglomerando à massa amorfa que rodeia os corpos. Talvez. Mas não agora. De uma só vez, pressionou o ar para que saísse, e os lábios até então cerrados se entreabriram e lá se foi. Todo o ar escorria de si.

Os batimentos aceleraram, quase que instantaneamente. Ouviu-os mais

regulares, menos espaçados, normalizando-se nos segundos que passavam. Seu corpo voltava a si. Deixou-se cair na cadeira mais próxima. Seus membros soltos balançavam como se um vento os impedisse de ser simples braços parados. O vai e vem dos braços...embalada pelo movimento das ondas da praia, boiando e boiando, percebendo que era carregada de lado a outro numa monotonia tão pacífica que sua maior vontade era mergulhar e se deixar soterrar por esse sentimento de alegria calma e branca. Preparou-se para o mergulho, quando, sobressaltada, percebera um som longínquo, abafado. O som crescia e crescia, rufar de tambores a bombear coragem antes da batalha. O som crescia e crescia, fazendo vibrar os tímpanos. A seus ouvidos retornava uma sensação familiar. Novamente violentados. O som crescia e crescia, a realidade do quarto se impunha. O lustre tremeluzia como se percebesse o que se aproximava, vindo de terras longínquas, inescrutáveis. Sentia o quarto todo tremer como se perpassado por estremecimentos de terra. Incontrolavelmente fechou os olhos. Uma profusão de cores entupiu-lhe as retinas e suas pálpebras estremeceram involuntariamente. O som crescia e crescia, ecoando por todo o seu corpo. Todo seu corpo latejava como se minúsculas agulhas penetrassem toda a extensão da pele. Contorcendo-se de dor, abriu lentamente os olhos. Fixou-os no lado oposto do quarto. O quadro. Olhos que fixavam-se ali. Aqueles olhos que a encontravam onde fosse, medindo a dimensão de seu corpo, perscrutando seus atos. Pareciam sugá-la, atraí-la. Levantou-se, tomou o quadro nas mãos, olhou os olhos pela última vez. Num só ímpeto, atirou o quadro ao cimento.

